

O TEXTO COMO PRODUTIVIDADE*

Para Zélia

RESUMO

O termo produtividade, associado ao conceito de texto, foi formulado por Julia Kristeva. Entretanto, esse termo já existia no interior das relações capitalistas para designar o mecanismo de controle do tempo e do trabalho do operariado. Meu estudo tentará estabelecer a relação entre esses dois sentidos.

RÉSUMÉ

Le terme productivité, associé au concept de texte, a été formulé par Julia Kristeva. Ce terme, néanmoins, existait déjà à l'intérieur des relations capitalistes pour désigner le mécanisme de contrôle du temps et du travail de l'opéariyat. Mon étude essaiera d'établir le rapport entre ces deux sens.

O escorpião cravando-se o agulhão,
farto de ser um escorpião mas ne-
cessitado de escorpionidade para
acabar com o escorpião.
(Rayuela - Cortázar)

O homem se define enquanto tal pelo trabalho.

Você sabe que na verdade, o que o oleiro faz é cobrir o vento, o nada, porque uma peça de barro é isso: uma separação no vazio. Eu quando estou trabalhando, não penso no vaso, na vasilha: penso no espaço que estou tapando. Não foi o que Deus fez? O que ele fez foi isso, foi mudar a forma do vazio. Ou não foi mesmo? Ah eu não penso no barro, mas como vai ficar o canto de lugar que eu vou cobrir!

Assim fala Medinho - o oleiro do Vale do Jequitinhonha - sobre seu fazer: um transformar, um marcar com a mão o barro que preenche os vazios do homem.

O homem se define e se afirma como tal pelo seu trabalho.

O primeiro ato histórico desses indivíduos, através do qual se distinguem dos animais não é o fato de pensarem mas sim o de produzirem os seus meios de subsistência².

No seu trabalho de transformação da natureza, o homem não somente age mas representa, critica, pensa e reflete sobre o seu agir em íntima e indissolúvel relação com o seu fazer, mesmo que ele não se aperceba disso. Assim, tanto a produção material como a espiritual carregam em si a marca do homem: são trabalho seu.

Já desde a etimologia da palavra "poeta" (poien = fazer; poiētes = aquele que faz) afirma-se radicalmente este laborar a materialidade da linguagem, este criar do poeta.

Pode-se referir a consciência, a religião, a arte e tudo o que se quiser como distinção entre os homens e os animais, porém esta distinção só começa a existir quando os homens iniciam a produção dos seus meios de vida, passo em frente que é consequência da sua organização corporal (...). A produção de idéias, de representações e da consciência está em primeiro lugar direta e indiretamente ligada à atividade material e ao comércio dos homens, é linguagem da vida real³.

A sociedade industrial moderna, contudo, cunha a praxis humana de uma forma específica. Cunha-a sob o signo contraditório da divisão, do esfacelamento.

E dentro da produção industrial, o termo "produtividade" guarda ainda uma especificidade maior, que assume função importante no promover e sustentar o todo contraditório dessa sociedade.

A produtividade industrial define-se como o quociente de produção pelo tempo de duração de trabalho, ou seja, uma medição rigorosa e maquinal, devoradoramente cronológica e desumana do "quantum" um operário produz.

*Volto para casa esfaldado e ansioso. Por que doem todos os meus membros? Por que as costas me incomodam? E as coxas? Afinal de contas, o maçarico e a espátula não eram tão pesados assim... Sem dúvida, a repetição de movimentos idênticos. E a tensão para dominar a falta de jeito. E por ter ficado em pé tanto tempo: dez horas. Mas os outros fizeram a mesma coisa. Estarão eles tão exaustos quanto eu?*⁴

Na fala soluçada do operário da linha de produção, a expressão de um trabalho mecânico - alienado e alienante - que não realiza porque o homem não se apodera de seu processo como uma totalidade. Na segmentação da linha de montagem da linguagem a impossibilidade de o homem reconhecer-se criador.

Produtividade: um controle político do tempo e ritmo corporais. O trabalhador sempre deixa sua marca no objeto queaju-

da a fazer. Mas dessa mesma marca é alienado, uma vez que do objeto só faz uma parte. O objeto, no entanto, de forma rude, também lhe marca o corpo. É o maçarico que lhe sulca as mãos, a máquina que lhe imprime marcas.

Na Idade da Máquina, a mão teria, por acaso, perdido as finíssimas articulações com que se casava às saliências e reentrâncias da matéria? O artesanato, por força, recua ou decai, e as mãos manobram nas linhas de montagem à distância de seus produtos. Pressionam botões, acionam manivelas, ligam e desligam chaves, puxam e empurram alavancas, controlam painéis, cedendo à máquina tarefas que outrora lhes cabiam. A máquina dócil, e por isso violenta, cumpre exata o que lhe mandam fazer; mas, se poupa o músculo do operário, também sabe cobrar exigindo que vele junto a ela sem cessar: se não, decepa dedos distraídos. Foram oito milhões os acidentes de trabalho só no Brasil de 1975.⁵

Nomear uma prática, através do sentido imanente ao nome, já significa de alguma forma classificá-la como ideológica. O texto, como produtividade, inscreve-se na praxis humana. E como todo trabalho humano, nasce e se produz como contradição.

Nasce o texto mergulhado nas entranhas da língua, naquilo que a língua tem de mais entranhado e estranhado. As entranhas: não o lugar do entendimento, mas o "locus" privilegiado do amor.

Diz Dêcio Pignatari⁶ que o poeta é um radical pois remexe nas raízes da linguagem comunicativa que a gramática codifica. A produtividade do texto altera a língua.

*Uma lata existe para conter algo
mas quando o poeta diz:
Lata
Pode estar querendo dizer
o incontível.⁷*

Através dessa produção que altera a língua, o poeta participa da modalidade da transformação do real: transforma a língua, descolando-a de seu inconsciente. O texto é uma produtividade que faz aflorar à superfície consciente da língua o seu incons-

ciente.

O texto representa/apresenta a língua arrancada contraditoriamente de seu automatismo habitual. Sem esse trabalho "textual", a língua estaria condenada a uma repetibilidade infinita.

O alvo da produtividade textual: a significância, o trabalho de diferenciação e confronto que se pratica na língua.

*Uma meta existe para ser um alvo
Mas quando o poeta diz:
meta
Pode estar quezendo dizer
o inatingível.⁸*

O trabalho com o texto, o trabalhar a língua faz aflorar de forma explícita esse confronto: a abertura da obra que se quer total e que se propõe a um papel de desestabilização ideológica no "locus" privilegiado da ideologia - a linguagem - entra na cadeia significante, afirma-se também como prática ideológica, como produção/produto. No dizer de Barthes⁹, a sociedade devolve ao poeta uma linguagem carregada de sentidos que ele muitas vezes não quis para sua escritura. Sua abertura, pelo fato mesmo de se afirmar como tal, reitera a criação como uma centelha de possibilidade de apreensão do real no momento fugaz de seu não fechamento. Essa apreensão, contudo, possível enquanto produtividade, é-lhe devolvida como produto. É o mesmo Barthes¹⁰ que afirma não haver escritor que não seja um dia pinçado pela malha da ideologia, a menos que desista de confundir o seu ser com o da linguagem.

Assim, a produtividade textual inscreve-se 'na' e é inscrita "pela" contradição que marca o todo social. Produz o real de forma contraditória e dialética, produzindo, simultaneamente, a contradição que define esse real.

Mas como essa produtividade cunha o real? Cunha-o descen-
trando-o, criando uma zona de multiplicidade de marcas e inter-
valos. Uma inscrição, uma prática cujo centro - emanador do po-
der por excelência - é lãbil e escorregadio, afirmando-se como
uma polivalência sem unidade possível.

Ao mesmo tempo, cumpre papel na cena histórica porque tra-
balha a materialidade da língua. Mas, é um papel de cunho espe-
cífico, que se distingue, por definição, de outras práticas hu-
manas.

*A Poesia não é uma realidade de ordem inferior à eco-
nomia: também ela é do mesmo modo realidade humana, em-
bora de gênero e forma diversos, com tarefas e signi-
ficado diferentes. A economia não gera a poesia, nem
direta nem indiretamente, nem mediata nem imediatamente:
é o homem que cria a economia e a poesia como pro-
duto da praxis humana.*¹¹

A produtividade do texto é, então, uma praxis específica no
interior das produções humanas. É uma duração, não à margem ou
acima do tempo, mas participante do sistema social estruturado
como linguagem, sistema esse que abarca o trabalho humano na sua
totalidade. A produtividade chamada texto simultaneamente pró-
duz e é produzida pelo sistema social:

*O caráter dialético da praxis imprime uma marca inde-
lével em todas as criações humanas. Logo também sobre
a arte. Uma catedral da Idade Média não é apenas ex-
pressão e imagem do mundo feudal; é ao mesmo tempo um
elemento da estrutura daquele mundo. Não só reproduz
artisticamente. Toda obra de arte apresenta um duplo
caráter em indissolúvel unidade: é expressão da reali-
dade, mas ao mesmo tempo cria a realidade que não exis-
te fora da obra ou antes da obra, mas precisamente ape-
nas na obra.*¹²

*Por isso não se meta a exigir do poeta
que determine o conteúdo em sua lata.*¹³

Em sua especificidade enquanto produtividade, o texto-ain-
da que dentro da precariedade - desarticula, na contradição, a

cadeia comunicativa. Dissolve e multiplica os sujeitos da escritura, solapando o "logos" e o "locus" que lhes destinava a lógica cartesiana. Destrona o belo, checendo com isso a "literatura" e escrevendo/inscrevendo-se como escritura.

O poeta é um guerrilheiro de linguagem. Combate-a com o corpo, no próprio corpo, uma vez que para ele a linguagem é pele e pulsão.

O texto apresenta-se a si mesmo. Bem verdade que sô pode fazê-lo enquanto formalização. Mas não se reduz a ela. Figura - na sua complexidade criadora - a contradição da praxis humana.

*Na lata do poeta tudo/nada cabe
Poís ao poeta cabe fazer
com que na lata venha a caber
o incabível.¹⁴*

Todo texto literário é, em princípio, partícipe em maior ou menor grau dessa produtividade. Mesmo assim, pode-se marcar, historicamente, o advento de uma prática escritural definida pela radicalidade do trabalho textual. No término do século XIX, há o aparecimento de textos que, na sua própria estruturação, se pensam como irredutíveis à representação codificada, da lógica formal. Esse pensar firma-se na economia interna da obra, e diria, o faz de modo dramático.

Por um momento, o escritor recupera o artesão e - num instante, na produtividade - lança uma palavra não marcada, que desestrutura o lugar privilegiado do locutor. Construir a escritura, o texto, como diz Barthes¹⁵, é fazer um discurso sem possibilidade de réplica. A réplica se abre e pertence somente ao outro.

*Deixe a meta do poeta
Não discuta.¹⁶*

Segundo Kristeva¹⁷, a produtividade do texto - esse trabalho translingüístico com a língua - não é valorizada socialmente. A sociedade só valoriza o efeito, o produto - a mercadoria que se consome, que obedece às leis estabelecidas pelo mercado.

*Deixe sua meta fora da disputa.*¹⁸

A sociedade substitui a intransitividade do dizer textual pela representação.

*Meta dentro e fora*¹⁹

Transforma um ato fundador em fundação alicerçada com o ciamento da ideologia. Reifica - torna res, coisa - uma prática que se quer produtividade livre e criadora.

*Lata absoluta*²⁰

Segundo ainda Kristeva, cabe ao trabalho crítico a recuperação dessa variante social não valorizada que é o texto. Mas que o recupere enquanto prática não fechada.

*Deixe-a simplesmente
Metaforar*²¹

Faz-se necessária uma reflexão que capte a "totalidade", em processo, na sua abrangência contraditória. Uma reflexão que tire suas leis do próprio processo histórico real para que se possa tomar a produtividade na sua maturidade máxima²².

Visto dessa maneira, o ato de produzir não exclui a invenção. Cria brechas no reificado para que se insinue a possibilidade de outras linguagens, outras formas que, ainda que rechaçadas pela sociedade, guardam sua validade como "produtividade".

*Cria-se, então, um espaço de fruição. Não é a "pessoa" do outro que me é necessária, é o espaço: a possibilidade de uma dialética do desejo, de uma imprevisão do fruir: que os dados não estejam lançados que exista um jogo...*²³

O trabalho teórico/crítico deve alargar esse espaço, nele introduzindo, como um valor, práticas socialmente desvalorizadas.

Como bem lembra Kristeva²⁴, nossa sociedade substituiu o curandeiro pelo médico. Mas, ainda hoje, diariamente morrem milhares de pessoas. Os tecnocratas explicam-se mutuamente em economês, dão empacotadas as soluções para as crises e elas se repetem.

Não haverá outras formas válidas de sentir? Não há conhecimento na economia praticada no "drible" diário da dona de casa do povo? Não será isto um saber? E a medicina popular? Não "responde" ela, muitas vezes mais eficazmente, a espaços que o academicismo não logra atingir?

*Não há lume de profecia mais certo no mundo do que consultar as entranhas dos homens. E de que homens? De todos? Não. Dos sacrificados. As entranhas dos sacrificados eram as que consultavam os antigos: primeiro faziam o sacrifício e então consultavam as entranhas. Se quereis profetizar futuros, consultai as entranhas dos homens sacrificados: consultem-se as entranhas dos que se sacrificaram e dos que se sacrificam; e o que elas disseram, isto se tenha por profecia. Porém consultar de quem não se sacrificou, nem se sacrificou, nem se há de sacrificar, é não querer profecias; é querer cegar o presente, e não acertar o futuro.*²⁵

A tentativa de apreensão crítica da produtividade chamada texto pode cumprir a função de aproveitamento dessas práticas relegadas a segundo plano no quadro social, recuperando - ainda que dentro da cadeia ideológica do reificado - a substância signica que socialmente cria o humano em totalidade. Imprimir um sentido novo. Recuperar a relação profunda entre o corpo do homem que fala e o mundo. Recuperar a intimidade que une o corpo num corpo que produz via pressões que também o impulsionam de dentro para fora²⁶.

Num ensaio sobre o homem e sua formação, Edgar Morin²⁷ nos diz que o homem não é só "homo sapiens" mas também e essencialmente "homo demens". A irracionalidade, nos diz ele, cumpre um papel simultaneamente funcional e disfuncional na racionalidade humana. A prática crítica, que se afirma no provisório do estar em crise, que se propõe a atingir o texto como produtividade, guarda a possibilidade de fazer ouvir essas linguagens que, embora fora do poder, guardam saber e constroem a praxis.

Na sua intensidade pulsional, pré-lingüística, presa à biologia de um corpo que, mesmo repartido, se quer integral, a produtividade criadora chamada texto afirma a pulverização de sentidos únicos, exige a destruição de vias de conhecimento unívocas e rígidas. Faz ouvir, na mitologia reificada de uma sociedade repartida, o canto - utópico, no sentido forte do termo - o mito de resistência do homem:

Nos interstícios desse deslizar cinzento, entrevejo uma guerra de usura da morte contra a vida e da vida contra a morte. A morte, a engrenagem da linha de montagem, o imperturbável deslizar dos carros, a repetição de gestos idênticos, a tarefa jamais terminada. Um carro está pronto? O segundo ainda não está e apresenta-se logo para ser soldado, exatamente no lugar onde se acabou de polir. A solda está feita? Não, precisa ser feita. Feita definitivamente dessa vez? Não, deve ser feita de novo, nunca está acabada - como se não houvesse movimento, nem os gestos contassem, nem existissem mudanças mas apenas um simulacro absurdo de trabalho que se desfaz logo após ter terminado, sob o efeito de uma maldição qualquer. E se nos dissermos que nada disso tem importância, que basta habituar-se a fazer os mesmos gestos de uma maneira sempre idêntica, num tempo sempre idêntico, aspirando unicamente à plácida perfeição da máquina? Tentação da morte. Mas a vida revolta-se e resiste: O organismo resiste. Os músculos resistem. Os nervos resistem. Alguma coisa no corpo e na cabeça defende-se contra a repetição e o nada. A vida: um gesto mais rápido, um braço que cai inoportunamente, um passo mais lento, um sopro de irregularidade, um movimento em falso, o avanço, o afundamento, a tática de posto, tudo o que nesse irrisório reduto de resistência contra o vazio eterno que é o posto de trabalho faz com que ainda haja acontecimentos, embora minúsculos [...] esta solda imperfeita, essa mão que refaz duas vezes, esta careta, este 'deslizamento' - é

*a vida que se aferra. Tudo o que, nos homens da linha de montagem, grita silenciosamente: 'Eu não sou máquina!'*²⁸

A produtividade chamada texto: polimorfia, ambivalência, projeto. Vida sobre e sob a morte da língua e sendo também letra morta.

*Grão
Morre nasce trigo
Vive morre pão.*²⁹

Polifonia de infinitas vozes. Consciência limite de si mesma.

Termino por onde comecei: com a fala do oleiro sobre seu fazer. Fala que expressa a contradição de uma produtividade social possível/impossível, de retenção do fazer como um processo não fechado.

*Todos os dias fiz uma peça diferente, sô para mim, para guardar, dentro dela, o ar de cada manhã. Nunca vendo o que faço com minhas mãos descansadas da noite. Deixo para meu proveito. Depois é a vez dos outros.*³⁰

NOTAS

*Este artigo, com algumas modificações, é o texto da prova escrita do Concurso para Professor Assistente de Teoria da Literatura prestado na FALE/UFMG em 1982.

1. SANTAYANA, Mauro: "As Razões do Oleiro". In: Folha de São Paulo, 30 de setembro de 1982, Folha Ilustrada, p. 1.
2. MARX, Karl. A Ideologia Alemã. Tradução de Conceição Jardim e Eduardo Lúcio Nogueira. Lisboa, Editorial Presença, 1974, p. 18.
3. MARX, Karl. op. cit., p. 19.

4. LINHART, Robert. Greve na Fábrica. Tradução de Miguel Arraes, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978, p. 23.
5. BOSI, Alfredo. O Ser e o Tempo da Poesia, São Paulo, Cultrix, 1977, p. 56-57.
6. Cf. PIGNATARI, Dêcio. Comunicação Poética. São Paulo, Cortez e Moraes, 1977.
7. GIL, Gilberto. Metáfora.
8. GIL, Gilberto. op. cit.
9. Cf. BARTHES, Roland. Crítica e Verdade. Tradução de Leyla Perrone - Moisés. São Paulo, Editora Perspectiva, 1970.
10. Cf. BARTHES, Roland. op. cit.
11. KOSIK, Karel. Dialética do Concreto. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1969, p. 109.
12. KOSIK, Karel. op. cit., p. 115.
13. GIL, Gilberto. op. cit.
14. GIL, Gilberto. op. cit.
15. Cf. BARTHES, Roland. op. cit.
16. GIL, Gilberto. op. cit.
17. Cf. KRISTEVA, Júlia. Introdução à Semanálise. São Paulo, Editora Perspectiva, 1974.
18. GIL, Gilberto. op. cit.
19. GIL, Gilberto. op. cit.
20. GIL, Gilberto. op. cit.
21. GIL, Gilberto. op. cit.
22. KRISTEVA, Júlia. op. cit., p. 26.
23. BARTHES, Roland. O Prazer do Texto. Tradução de Maria Margarida Barahona. Lisboa, Edições 70, 1974, p. 37.
24. Cf. KRISTEVA, Júlia. op. cit.
25. VIEIRA, Antônio. Sermão da Segunda Domingo do Advento. In: Sermões: Obras Completas do P. Antônio Vieira, Lisboa, Ailland e Lellos Ltda., 1951; p. 207-208.

26. Cf. BOSI, Alfredo. op. cit.
27. Cf. MORIN, Edgar. O Enigma do Homem. Rio de Janeiro, Zahar Editora, 1975.
28. LINHART, Robert. op. cit., p. 23.
29. GIL, Gilberto. "Grão".
30. SANTAYANA, Mauro. op. cit., p. 1.